

## Artigo

# O conceito da figura dos pais combinados e a identidade de gênero: reflexões psicanalíticas a partir de Melanie Klein<sup>1</sup>

Rosiléia Alves Barbosa; Marcos Leandro Klipan

**Resumo.** A proposta deste artigo é a de investigar e discutir a fantasia infantil descoberta por Klein intitulada « a figura dos pais combinados » e suas possíveis relações com a constituição da identidade de gênero. Para isso, foi realizado um percurso na obra kleiniana utilizando-se como metodologia o tipo de pesquisa em Psicanálise chamada de pesquisa-investigação, onde um conceito ou tema é acompanhando em sua formulação e, também, em seus desdobramentos epistemológicos e teórico-técnicos na mesma obra e nas obras diretamente derivadas ou influenciadas. Dessa forma, foi percebido que a figura dos pais combinados a qual representa, na psiquê infantil, a união e o entrelaçamento da mãe e do pai, formando um ser monstruoso e enigmático e que precisa ser desvendado pela criança, também estaria na raiz das primitivas identificações do infante com seus pais, constituindo o início do superego, do complexo de Édipo primitivo, e, também, como núcleo da identidade de gênero. Diferentemente da estrutura identificatória mais rígida e binária que o complexo de Édipo tradicional implica, a dinâmica mais primitiva trazida pela fantasia dos pais combinados ofertaria a criança uma possibilidade de identificações de gênero mais fluídas e complexas e que permaneceria instaurada nela como um núcleo prototípico que poderia ser acessado em futuras identificações.

**Palavras chave:** identidade de gênero ; fantasia do casal combinado ; Melanie Klein.

## El concepto de la figura de los padres combinados y la identidad de género: reflexiones psicoanalíticas a partir de Melanie Klein

**Resumen.** El propósito de este artículo es investigar y discutir la fantasía infantil descubierta por Klein, denominada la figura de los padres combinados, y sus posibles relaciones con la constitución de la identidad de género. Para ello, se realizó un recorrido por la obra kleiniana utilizando como metodología el tipo de investigación en Psicoanálisis conocida como investigación-indagación, en la cual un concepto o tema es analizado en su

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte modificada e sintetizada de uma dissertação de mestrado defendida em 2023 sob o título de “A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero, segundo Melanie Klein” que teve os mesmos objetivos trabalhados aqui.

---

\*Psicóloga de orientação psicanalítica, atuação em consultório particular e em Unidade Básica de Saúde (UBS). Mestrado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. E-mail: [rosileia.bbsa@gmail.com](mailto:rosileia.bbsa@gmail.com)

\*\*Professor associado do Departamento de Psicologia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia e Coordenador do Laboratório de Estudos, Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Gêneros (LEPEPSIG) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. E-mail: [mlklipan@uem.br](mailto:mlklipan@uem.br)

formulación y también en sus desarrollos epistemológicos y teórico-técnicos dentro de la misma obra y en aquellas directamente derivadas o influenciadas. De este modo, se observó que la figura de los padres combinados, que en la psique infantil representa la unión y el entrelazamiento de la madre y el padre—formando un ser monstruoso y enigmático que el niño necesita descifrar—, también estaría en la raíz de las identificaciones primitivas del infante con sus padres, constituyendo el inicio del superyó, del complejo de Edipo primitivo y, además, el núcleo de la identidad de género. A diferencia de la estructura identificatoria más rígida y binaria que implica el complejo de Edipo tradicional, la dinámica más primitiva que aporta la fantasía de los padres combinados ofrecería al niño una posibilidad de identificaciones de género más fluidas y complejas, las cuales permanecerían instauradas en él como un núcleo prototípico que podría ser accedido en futuras identificaciones.

**Palabras clave:** identidad de género ; fantasía de los padres combinados ; Melanie Klein.

### **The concept of the combined parent figure and gender identity: psychoanalytic reflections based on Melanie Klein**

**Abstract.** The purpose of this article is to investigate and discuss the childhood fantasy discovered by Klein, called the combined parent figure, and its possible relationships with the constitution of gender identity. To achieve this, a journey was undertaken through Klein's work using the methodology of a type of psychoanalytic research called research-investigation, where a concept or theme is followed in its formulation as well as in its epistemological and theoretical-technical developments within the same work and in those directly derived or influenced by it. It was observed that the combined parent figure, which represents in the child's psyche the union and intertwining of the mother and father—forming a monstrous and enigmatic being that the child must decipher—also lies at the root of the infant's early identifications with their parents, constituting the beginning of the superego, the primitive Oedipus complex, and also the core of gender identity. Unlike the more rigid and binary identificatory structure implied by the traditional Oedipus complex, the more primitive dynamic brought by the fantasy of the combined parents offers the child a possibility of more fluid and complex gender identifications, which remain embedded in them as a prototypical core that can be accessed in future identifications.

**Keywords:** gender identity ; combined parent figure fantasy ; Melanie Klein.

### **Le concept de la figure des parents combinés et l'identité de genre: réflexions psychanalytiques à partir de Melanie Klein**

**Résumé.** Cet article vise à explorer et à discuter la fantaisie infantile découverte par Klein, appelée la figure des parents combinés, et ses possibles relations avec la constitution de l'identité de genre. Pour cela, un parcours a été effectué dans l'œuvre kleinienne en utilisant comme méthodologie le type de recherche en psychanalyse appelé recherche-investigation, où un concept ou un thème est suivi dans sa formulation ainsi que dans ses développements épistémologiques et théorico-techniques, tant dans l'œuvre originale que dans celles qui en sont directement dérivées ou influencées. Il a ainsi été observé que la figure des parents combinés, qui représente dans la psyché infantile l'union et l'entrelacement de la mère et du père – formant un être monstrueux et énigmatique que l'enfant doit déchiffrer – se trouve également à la racine des premières identifications de l'enfant avec ses parents, constituant le début du surmoi, du complexe d'Œdipe primitif et, en même temps, le noyau de l'identité de genre. Contrairement à la structure identificatoire plus rigide et binaire impliquée dans le complexe d'Œdipe traditionnel, la dynamique plus primitive introduite par la fantaisie des parents combinés offrirait à l'enfant une possibilité d'identifications de genre plus fluides et complexes, qui resteraient ancrées en lui comme un noyau prototypique pouvant être activé dans ses futures identifications.

**Mots-clés:** identité de genre; fantaisie des parents combinés; Melanie Klein.

## Introdução

Como nos indicam diferentes autores (Laplanche, 2015; Lattanzio & Ribeiro, 2018; Porchat, 2014; Klipan, 2022), a temática dos gêneros, como a discutimos na atualidade – falamos em identidade de gênero, gênero não-binário, cisgênero etc. –, não estava presente no começo da Psicanálise. Nem o próprio vocábulo gênero existia no alemão de Freud e, em decorrência, no de Melanie Klein. Embora o alemão freudiano contasse com a palavra *Geschlecht*, cujo significado denota ambos sexo/gênero simultaneamente e, mesmo com a complexidade e ampliação da sexualidade proposta pela Psicanálise, sua relação era tratada de forma imbrincada, não a levando para uma problematização e separação, como ocorreu mais tarde, com as questões, por exemplo, de pensar o sexo como do campo biológico e o gênero do campo social.

Como bem discute Laplanche (2015) o título original de um texto tão fundador como *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2010) é *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Vejam como o autor destaca que para Freud “*Sexualtheorie* não é uma *Geschlechtstheorie*” (Laplanche, 2015, p. 156, grifo nosso). Qual a implicação disso? “O Sexual<sup>2</sup>, para Freud, é pois exterior ou mesmo anterior à diferença dos sexos, para não dizer, à diferença dos gêneros: ele é oral, anal ou paragenital” (Laplanche, 2015, p. 157). Dessa forma, a escolha da palavra latinizada e pouco usada em alemão, *Sexual*, fez com que Freud, desde o início, pensasse a sexualidade humana de maneira ampliada e não equivalente a sexualidade tratada pela Medicina ou sexologia. O *Sexual* é, ele próprio, a ampliação freudiana da sexualidade, ou seja, a sexualidade perverso-polimórfica do inconsciente, mais ligada à fantasia do que ao objeto. Já *Geschlecht* tem a ver com o “sexo sexuado”, da estruturação do gênero pelo sexo, como teoriza Laplanche, no mesmo texto.

Apesar dessa revolução trazida pela Psicanálise que, desde o início do século XX, descolou a sexualidade humana da teoria biológica do sexo a serviço da reprodução da espécie, não houve a superação de uma certa perspectiva binária de pensar a sexualidade a partir da relação masculino-feminino. O eixo principal do conflito edípiano está, por exemplo, assentado durante a fase fálica no complexo de castração: uma lógica radicalmente binária da diferença, centrada na presença/ausência, a qual é compreendida por Freud como uma lógica do fálico/castrado (Laplanche, 1988). Ao problematizar essa discussão, Laplanche nos chama a atenção para uma passagem de Freud no texto *La organización genital infantil*<sup>3</sup>... (1923/1992, p. 141; nossos comentários entre colchetes; grifos nossos; nossa tradução): “Aquele [o menino] percebe, sem dúvida, a **diferença** entre homens e mulheres, mas no começo, não tem ocasião relacioná-la com uma **diversidade** de seus genitais<sup>4</sup>”. Por que Freud radicaliza uma diferença de gênero entre homens e mulheres, mas abre para uma possibilidade infinita no que se refere aos genitais em uma passagem como essa? Laplanche nos faz refletir que, para Freud, a anatomia está

---

<sup>2</sup> O termo Sexual, em maiúsculo, como bem destaca a tradutora dos textos de Laplanche (2015) Vanise Dresch, foi uma forma da tradução para o português de se aproximar do neologismo criado por Laplanche. Em francês há o adjetivo *sexuel* (sexual). Dessa maneira, ao apresentar a palavra Sexual com a inicial maiúscula, os tradutores se referem ao *sexual* proposto por Laplanche que se diferencia do *sexuel* (ou do nosso sexual, em português) da linguagem comum e não psicanalítica, como foi a escolha de Freud nos *Três ensaios* [...].

<sup>3</sup> Laplanche faz toda uma problematização na escolha de Freud pelas palavras diferença (*Unterschied*) e diversidade (*Verschiedenheit*), especialmente no que tange à lógica que cada uma estabelece. Infelizmente, essa discussão fica perdida nas traduções encontrada para o português, uma vez que não se preserva na tradução essa dicotomia.

<sup>4</sup> No original: “Aquel percibe, sin duda, la diferencia entre varones y mujeres, pero al comienzo no tiene ocasión de relacionarla con una diversidad de sus genitales” (Freud, 1923/1992, p. 141).

relacionada a uma anatomia da fantasia, tal como fora fantasiado pelas histéricas na criação da Psicanálise e que também o é pela criança durante a fase fálica. Não se trata de uma anatomia científica, mas uma anatomia imaginada e que, por meio dos mecanismos de deslocamento e condensação, poder-se-ia tomar mil destinos. A famosa frase de Freud “a anatomia é o destino” (Freud, 1912/1996b; Freud, 1924/1996c) pode ser entendida como um destino de investimento sexual, de apoio para essas fantasias, superando as teorias de uma sexualidade endógena despertada pelos hormônios em um processo natural.

Essas teorizações freudianas sempre foram, para dizer o mínimo, contraditórias. Superaram a ideia de uma sexualidade natural no ser humano, mas se encaminharam para trilhas rígidas no processo de subjetivação, especialmente naquilo que se refere a feminilidade: a menina frustrada por não ter sido dotada de um pênis, passará sua existência buscando um substituto. Desde Freud, essa teoria foi duramente criticada pelas feministas de sua época. No entanto, neste artigo, iremos nos concentrar nas críticas que surgiram a partir do feminismo da terceira onda, especialmente com o impactante texto de Butler *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990/2003).

Como é conhecido, a autora, com o objetivo de derrubar a ilusão ontológica do gênero e do sexo – as duas categorias serão sempre um constructo da cultura –, desenvolve importantes críticas não apenas à Psicanálise de Freud, mas também à de Lacan e à de Joan Riviere. Não poupando nem a escola francesa, nem a inglesa, Butler nos problematiza como a psicanálise, a qual trouxe um pensamento tão revolucionário quando desvelou o campo da fantasia, não conseguiu escapar às matrizes heteronormativas que pensam o sujeito como binário e heterossexual. Caindo na mesma armadilha, tende a ser um dispositivo de controle dessa matriz.

Embora Porchat (2014) nos indique Gayle Rubin como introdutora de um sistema sexo/gênero, a partir de um referencial psicanalítico, devemos lembrar que o início das discussões que separam gênero e sexo derivam de autores como o sexólogo John Money, em 1955, (Money, 1955) e da retomada desse tema pelo psicanalista R. Stoller, com seu conceito de *core gender identity*, o qual pode ser traduzido como “núcleo da identidade de gênero”, ou ainda “identidade nuclear de gênero”, presente em seu clássico trabalho *Contribution to the study of gender identity*, de 1964 (Stoller, 1993). Todavia, o trabalho de Porchat (2014), ao dialogar com Butler, nos mostra que não apenas a Psicanálise tomou o sujeito heterossexual como matriz, mas que as sexualidades não-hétero e os gêneros não-binários foram compreendidos como condições patológicas por um longo período. Ayouch (2015), por exemplo, nos mostra como essa perspectiva se institucionalizou e fez com que a *International Psychoanalysis Association*, durante muito tempo, vetasse a entrada de analistas homossexuais ou transexuais como candidatos a analistas. Desde Money e Stoller, perdurou-se a ideia de tratar e estudar a não-heterossexualidade e os gêneros não-binários como uma patologia.

Apesar de Melanie Klein não escapar dessa matriz heteronormativa e, em muitos de seus trabalhos, a fantasia homossexual aparecer ora como resistência, ora como um sintoma, entendemos que o descentramento do masculino como eixo do conflito edipiano, o declínio do pênis-falo como baliza subjetiva, como era em Freud, e este passar se tornar um dos ingredientes, dentre tantos outros, que estariam contidos em um outro cenário originário, trouxe uma possibilidade inovadora para a Psicanálise, a qual ainda pode ser mais bem aprofundada. Ou, dizendo de maneira mais explícita: Klein retira da origem e do centro o masculino, rompendo com uma tradição milenar da sociedade patriarcal do ocidente e coloca o corpo da mãe como lócus mais importante do início da constituição psíquica (Klipan, 2022). Entendemos que esse movimento produziu a necessidade de uma nova compreensão das dinâmicas das

fantasias inconscientes, especialmente as mais primitivas. Neste trabalho, iremos focalizar a fantasia da figura dos pais combinados, uma vez que trazemos a hipótese de que essa fantasia nos permitiria compreender uma maior fluidez nas mais primitivas identificações da criança e, com isso, nos traria uma dimensão muito mais ampla para superar o binarismo masculino-feminino na constituição do gênero.

A fantasia do casal combinado é compreendida como a união, o entrelaçamento da mãe e do pai, sendo que a mãe abrigaria o pai em seu interior, em uma forma de prazer ininterrupto, incrementando a inveja do bebê com relação ao corpo materno. Nesse sentido, em fantasia, para a criança, o interior da mãe conteria o seio, o pênis e bebês, sendo esses objetos os alvos das pulsões libidinais e agressivas. Ao propor essa amálgama entre a mãe e o pai, Klein estabelece que toda relação vivenciada com a mãe, também é vivenciada, ao mesmo tempo, com o pai em seu interior.

De acordo com Cintra e Figueiredo (2010), a fantasia do casal combinado está relacionada ao desamparo infantil. Isso porque a ideia da figura dos pais interpenetradas e unida em um gozo, que, em fantasia, caracteriza o abandono do bebê ou ataque a ele, de forma violenta, por parte das figuras parentais.

Um aspecto importante a ser considerado em nosso trabalho foi questionar quanto ao desfecho do complexo de Édipo na posição depressiva, dada a marca heteronormativa da cultura que atravessa a psicanálise. Interrogamo-nos se a releitura que estamos propondo de Klein contemplaria posições não-binárias na constituição da identidade de gênero.

Para dar conta de responder nossa hipótese e nossos questionamentos, utilizamos como método de pesquisa a proposta de Naffah Neto (2006) e Naffah Neto e Cintra (2012) denominada de *pesquisa-investigação*. Desta forma, fizemos uma análise conceitual das proposições de Klein, ao longo de sua obra, na qual tratou especificamente dessa temática, a fim de compreender os processos que permeiam a constituição da identidade de gênero. Para tanto, seguimos a ordem cronológica de publicação dos textos da autora, tendo como linha guia os conceitos de fantasia, identificação, simbolização, complexo de Édipo e posição depressiva.

A organização dos textos kleinianos por ordem cronológica de publicação teve como propósito investigar a formação do psiquismo infantil e a fantasia do casal combinado, em relação à constituição da identidade de gênero. Analisamos os artigos publicados por Melanie Klein de 1921 até 1932, que culminam em seu livro *A Psicanálise de Crianças*, em 1932. As noções teóricas formuladas em 1923/1996b, 1925/1996d, 1926/1996e, 1927/1996f, 1928/1996h, 1929/1996i e 1931/1996l fundamentam o livro *Psicanálise da Criança*, de 1932, no qual destaca-se a progressão da pulsão de morte na constituição da gênese psíquica. Exploramos, também, os conceitos de identificação, de fantasia e formação dos símbolos, bem como suas implicações na vivência da fantasia do casal combinado.

Na sequência, nosso estudo abordou a reflexão sobre o complexo de Édipo, a posição depressiva e a fantasia do casal combinado, bem como suas implicações na constituição da identidade de gênero. Para essa análise, foram considerados os textos de Melanie Klein que teorizam mais propriamente o complexo de Édipo (1928/1996h, 1932/1997a, 1932/1997b, 1932/1997c e 1945/1996q) e os artigos relacionados a posição depressiva, luto, desmame e reparação (1935/1996m, 1936/1996n, 1937/1996o e 1940/1996p). Nesse sentido, o processo que envolve a posição depressiva e que fixa o bom objeto no psiquismo é fundamental para discriminar e separar o casal combinado, permitindo construções simbólicas que implicam na constituição da identidade de gênero, uma vez que podemos considerá-las como base dos

diferentes processos de subjetivação feitos ao longo da vida, em nossas diferentes identificações, sobretudo as que se referem a nossa identidade de gênero.

### **Os estados confusionais, a figura dos pais combinados e as primeiras identificações da criança**

A leitura dos primeiros textos publicados por Klein (1921/1996a, 1923/1996b, 1923/1996c) traz importantes considerações a respeito do interesse das crianças em relação às diferenças anatômicas dos corpos e em relação ao gênero. Observamos tal curiosidade nas indagações apresentadas pelo caso do pequeno Fritz, de 5 anos ao questionar Klein, nas seguintes passagens:

Nessa época, ele começou a perguntar repetidas vezes se a mãe, eu e suas irmãs tínhamos sido sempre meninas, se toda mulher era uma menina antes de crescer - *se ele nunca tinha sido menina algum dia*. Também perguntou se o pai tinha sido menino antes de crescer, se todo mundo, até o papai, era pequeno no início (Klein, 1921/1996a, p. 30; grifo nosso).

Mais adiante ainda temos:

Com cerca de três anos, demonstrou interesse por joias, especialmente as da mãe (esse interesse se mantém) e dizia repetidamente: **‘Quando eu for uma mulher**, eu vou usar três broches ao mesmo tempo’. Ele dizia frequentemente: ‘Quando eu for mamãe’... (Klein, 1921/1996a, p.30; grifo nosso).

De forma lúdica e fantasística, Fritz demonstra seu interesse sobre os corpos e suas diferenças. Diante da liberdade e fluidez de sua imaginação, há a crença que, em algum momento, ele terá o mesmo corpo que a mãe, ou seja, poderá ter a mesma experiência que a mãe e, um dia, se tornar uma mulher. Portanto, ao indagar sobre o corpo, Fritz nos revela elementos que perpassam a construção da identidade de gênero, pois o corpo é o objeto ao qual a criança deseja conhecer e dominar. Diante disso, uma questão importante é posta: como ocorre a construção da imagem do próprio corpo na teoria kleiniana? Antes de responder a essa questão, é importante destacar como a autora não apenas autoriza essas questões do menino, como as toma de uma forma acolhedora e importante.

Em uma resposta apressada, poderíamos dizer que a primeira representação simbólica do corpo que a criança faz é com o gênero feminino. Contudo, ao desenvolver sua teoria, Klein afirma que a mãe contém o pai dentro de si, noção dada pela fantasia do casal combinado. Portanto, as primeiras identificações realizadas pela criança ocorrem com o casal parental, ou seja, com feminino e o masculino simultaneamente - são identificações conjuntas e confusas na construção da imagem simbólica do próprio corpo.

No entendimento dos conceitos de identificação e fantasia, utilizamos os textos publicados por Klein (1923/1996c; 1925/1996d; 1926/1996e; 1927/1996f; 1927/1996g); Ribeiro (2000, 2017) e, também, nos apoiamos no dicionário escrito por Hinshelwood (1992), intitulado *Dicionário do pensamento kleiniano*. Como veremos na sequência, a definição do conceito de identificação já demonstra a confusão que permeia o desenvolvimento da psique infantil: temos confusão entre os objetos, entre a realidade interna e externa, entre mãe e pai, entre feminino e masculino. A confusão aqui aparece como algo mais primitivo do que o mecanismo de condensação que Freud (1900/1996a) já tratava desde a *Interpretação dos sonhos*. Podemos

pensá-la como fundamento do que se torna esse mecanismo posteriormente, quando o ego mais desenvolvido irá lidar com objeto menos parciais.

A identificação refere-se ao relacionamento com um objeto com base em semelhança percebida com o ego. Contudo, trata-se de um fenômeno complexo que possui diversas formas. O simples reconhecimento de uma semelhança com algum outro objeto externo que é reconhecido como possuindo sua própria existência separada constitui uma realização sofisticada. No nível primitivo da fantasia, objetos que são semelhantes são encarados como sendo o mesmo, e esta forma onipotente de fantasia dá origem a uma confusão entre *self* e objeto (Hinshelwood, 1992, p. 354).

Corroborando com a descrição da passagem anterior, Cintra e Ribeiro (2018) afirmam ser importante observar que, em seu trabalho, Klein examinou as sensações corporais mais primitivas e a transformação em fantasias inconscientes, sendo esse entrelaçamento o lugar “onde se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo” (p. 65).

Seguindo a ordem dos textos kleinianos, no artigo intitulado *Uma contribuição à psicogênese dos tiques* (Klein, 1925/1996d) podemos observar a ligação do erotismo sádico-anal e as identificações, tendo como objeto os pais na relação sexual. Nesse artigo, são apresentados os pacientes Félix e Werner. Em ambos os casos, vemos que a identificação com o casal parental envolve a identificação com um objeto confuso e enigmático, conforme é apresentado na fantasia do casal combinado. Portanto, ao longo do desenvolvimento, a criança realiza múltiplas e complexas identificações com o casal parental, sendo que a constituição da identidade de gênero ocorre mediante a discriminação e separação das imagos do pai e da mãe.

A noção de fantasia, embora não seja um conceito que tenha sido sistematizado por Klein, foi discutida por Susan Isaacs (1952/1982) e Hanna Segal (1973/1975). As autoras afirmam que as fantasias são as expressões mentais das pulsões e ainda compõem um sistema defensivo. Enquanto sistema defensivo, ambas as autoras destacam a gratificação derivada da fantasia contra a realidade externa, em relação à frustração. Em relação à defesa contra a realidade interna, a fantasia de satisfação de um desejo envolve a defesa em relação à própria fome e raiva, ou seja, a realidade interna. Para Segal (1973/1975): “Quanto mais primitiva a introjeção, mais fantástico são os objetos introjetados e mais deformados pelo que neles foi projetado” (pp. 30-31).

Ao nomear e apresentar uma diversidade de fantasias que constitui a psique infantil, Klein (1928/1996h, 1929/1996i) relata que a ansiedade mais enraizada surge dos ataques realizados a mãe, representada pela figura do casal combinado. No cenário desenhado por Klein, o interior da mãe está repleto de objetos (seios, pênis e bebês) e o desenvolvimento da criança dependerá da possibilidade dela penetrar ou não esse ambiente, de colocar suas pulsões sádicas a serviço das dramatizações infantis que permeiam o jogo simbólico e permitem o desenvolvimento psíquico de sua identidade. Dessa maneira, a autora procurou demonstrar desde suas propostas iniciais que esse processo identificatório tem um fundamento bastante agressivo e ativo por parte da criança pequena.

Observamos que, no artigo *Estágio inicial do conflito edipiano* (1928/1996h), Klein começa a desenhar e esquematizar a fantasia do casal combinado de uma maneira mais específica. Contudo, é necessário notar que nos artigos publicados em 1928 e 1931 não há, ainda, uma menção explícita ao termo fantasia do casal combinado, ele só será descrito no livro *Psicanálise de crianças*, em 1932. O esclarecimento dessa cronologia que se refere ao aparecimento dos termos e definição do conceito é necessária porque, segundo Baranger (1981), em 1932, ao falar sobre a fantasia do casal combinado, Klein também apresenta o

conceito de clivagem. Enquanto mecanismo de defesa, a clivagem tem como função positiva a discriminação da confusão imposta pelo casal parental, ou seja, da mãe e do pai, do feminino e do masculino.

Desde o início do desenvolvimento psíquico, o bebê é inundado por impulsos sádicos e sexuais e pelo interesse sexual, mas o é em uma fase em que não consegue compreender e nem se expressar dada a condição frágil de formação do seu ego. Nesse sentido, para Klein (1929/1996i), o interjogo realizado pelas pulsões sexuais e sádicas estão relacionados a mãe e ao pai, dada a conjunção ofertada pela fantasia do casal combinado na psique infantil.

Em nossas leituras, percebemos que é durante a fase inicial de identificação com a mãe, ou seja, com o feminino, que há o encontro com os gêneros feminino e masculino, os quais se estão misturados e entrelaçados na figura da mãe. Nos artigos publicados em (1929/1996i, 1929/1996j), Klein dimensiona sobre a intensidade dos ataques sádicos e a formação do superego, bem como a capacidade de tolerar a ansiedade vivenciada no momento inicial do conflito edípico. Nesse estado caótico e confuso - em que o sadismo permeia todas as fontes do prazer libidinal e tem por objetivo destruir os conteúdos que estão no interior da mãe - é que podemos ter o impedimento, caso não haja uma superação desse estado, da ligação afetiva e cognitiva com a realidade, dificultando a formação de símbolos.

Klein trata sobre a formação dos símbolos no artigo *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930/1996k). Nesse texto, ela apresenta o caso de Dick para demonstrar que a dificuldade apresentada por essa criança em manter e conservar os símbolos está diretamente ligada à dificuldade em construir representações simbólicas. Para Petot (1979/2001), o texto kleiniano sobre a formação dos símbolos está limitado a explicar o uso dos símbolos no jogo das fantasias - quando promovem ou inibem o jogo simbólico. Petot (1979/2001, p. 165) salienta que “a pretensa falta de capacidade simbólica se traduz não por uma ausência de significação dos objetos ou das atividades a eles relacionadas, mas pela proliferação incontável de seus significados”.

Podemos, então, depreender que no processo inicial de formação psíquica, no que tange a formação de símbolos, há sempre o processamento de termos semelhantes, podendo estes estarem associados com a falta de discriminação, dificultando a diferenciação entre os símbolos e o objeto simbolizado. Portanto, os processos que resultam na capacidade de diferenciar o símbolo e os objetos simbolizados estão diretamente relacionados com a metáfora dos pais combinados.

Depois de realizadas algumas ponderações sobre os conceitos de identificação, fantasia e simbolização, adentraremos de forma mais específica no conceito da fantasia do casal combinado. Para tanto, utilizaremos o capítulo intitulado *Estágios iniciais do conflito edípico e a formação do superego* (1932/1997b), contido no livro *A psicanálise de crianças*. Segundo Klipan (2022), este livro é fundamental na obra de Klein porque estabelece de forma clara os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, repercute a estrutura dialética de amor e ódio utilizada posteriormente no desenvolvimento da noção de posição depressiva e esquizoparanóide, além de sistematizar o pensamento dessa autora, o qual estava sendo construído na década anterior trazendo suas próprias proposições inovadoras para a Psicanálise, como o complexo de Édipo precoce e o superego primitivo.

No capítulo mencionado, Klein posiciona o início do conflito edípico e do superego no primeiro ano de vida da criança, período que também se estabelece a fantasia do casal combinado. Portanto, em nosso entendimento, a constituição da identidade de gênero

acompanha o caminho percorrido pelo complexo de Édipo e a formação do superego; salientamos que, posteriormente, esse período receberá o nome de posição esquizoparanóide.

Apoiamo-nos em Petot (1979/2001) para explicarmos a emergência do conceito de casal combinado. Deste modo, nas leituras dos textos de Klein que retratam os anos de 1927 e 1930, observamos que o sadismo não era direcionado ao seio ou à mãe, o alvo era o casal combinado, unido no ato sexual. De acordo com Petot (1979/2001), a ideia do casal combinado está apoiada em duas proposições: a primeira, está relacionada a agressividade e aos ataques conduzidos a figura da mãe - há, portanto, uma primeira ligação que transmuta os ataques ao seio, à mãe e ao interior da mãe; a segunda, advém dos atendimentos clínicos realizados com crianças e da atenção em relação à representação sádica do ato sexual que as crianças dramatizavam.

Vemos que Klein (1932/1997a) configura o corpo materno como o espaço privilegiado onde se desenrola a trama psíquica, pois nele está guardado os objetos nos quais a criança deseja. Para a autora, as crianças têm um conhecimento inconsciente que os pais gozam de prazeres sexuais mútuos, mas que este ato seria de modo oral, assim, o pênis do pai seria incorporado pela mãe no momento do ato sexual e permaneceria dentro dela, logo, todo ataque sádico contra a mãe, também é direcionado contra o pai. Nas palavras de Klein:

O medo do pênis paterno incorporado pela mãe é tão esmagador porque nesse estágio arcaico de desenvolvimento o princípio *pars pro toto* se mantém em vigor e o pênis também representa a pessoa do pai. Assim o pênis dentro da mãe representa a combinação de pai e mãe em uma só pessoa, sendo essa combinação encarada como particularmente aterradora e ameaçadora (1932/1997b, p. 153).

A citação anterior mostra que todo ataque realizado em fantasia é direcionado à imago dos pais unificados no ato sexual e visa a destruição de ambos, separadamente ou em conjunto. Portanto, o objeto atacado não corresponde aos objetos reais, mas sim ao objeto da fantasia, que é muito mais assustador, pois, além de estar unificado, ele envolve a agressividade oriunda da pulsão de morte que é projetada para os objetos externos, contaminando a relação que a criança desenvolve com os pais. Diante desse interjogo sádico, o qual permeia a relação da criança com seus objetos, há também medo de ser destruída, sofrer retaliações por seus objetos de amor.

Como dissemos anteriormente, o desenvolvimento psíquico desenhado por Klein em seu início é permeado por um estado caótico em que não há discriminação dos objetos e da realidade, os objetos e o próprio ego estão imersos num estado de confusão. Diante dessa vivência confusional, Baranger (1981) propõe que o ego vive um tipo especial de angústia, denominada por ele de angústia confusional. Nas palavras do autor:

Na figura dos pais combinados a confusão recaía sobre as funções de cada um dos pais na cena primária e sobre o nível da atividade que a fantasia da criança lhes atribuía (se atacam, se despedaçam, trocam alimentos, pênis, fezes, etc.). Agora a confusão, baseada na identificação projetiva, torna-se muito mais geral: confusão do bom e do mau, do interior e do exterior, do real e do imaginário da pessoa e de seu objeto, além da confusão de papéis e níveis de fantasias. Também a categoria do objeto confuso se amplia vastamente; um objeto parcial pode ficar confuso (o pênis paterno, quando se foge para ele partindo do seio da mãe, chega a confundir-se com este) (Baranger, 1981, p. 109).

Nesse sentido, ao longo do desenvolvimento de suas teorias, Klein (1932/1997a) afirma existir um trabalho fundamental, o qual a criança precisa realizar ao longo do seu desenvolvimento que está relacionado a discriminação e separação das imagos dos pais combinados. Portanto, o desenvolvimento das relações objetais e da vida sexual está

condicionado a esta capacidade de realizar discriminações durante o processo de desenvolvimento. Em concordância com essas proposições, Baranger (1981) afirma:

Seio e pênis chegam a confundir-se, da mesma forma que se confundem as fantasias de distintos níveis (orais, anais, uretrais e genitais), assim como a pessoa tende a confundir-se com o objeto. O necessário processo de clivagem encontra-se perturbado pela excessiva identificação projetiva e o seio bom não pode ser mantido separado do mau. Esta situação repete-se frente ao pênis paterno e o vaivém necessário entre a mãe e o pai se vê paralisado. Por sua vez, a relação com as outras pessoas do ambiente da criança se perturba (p. 108).

Em nosso entendimento, a perturbação na capacidade de promover a separação do casal combinado dificulta a criação de símbolos por parte da criança, ou seja, afeta as experiências ligadas às realizações simbólicas. A confusão promovida pela fantasia do casal combinado também dimensiona a confusão em relação à dimensão do gênero, pois, no início, a criança está diante do feminino e do masculino contidos no interior da mãe – uma figura que, além de confusa, é completa e assustadora. Assim, a constituição da identidade de gênero implica no trabalho de separação do casal combinado. Essa separação não se assentaria especificamente na capacidade de compreensão da diferenciação binária em feminino e masculino, mas na capacidade de percepção da pessoa como um objeto integrado e total e diferente de si; um processo de separação do eu/não-eu.

Dessa forma, são as funções do ego e os mecanismos de defesa que atuam no processo de separação da imagem unificada do casal combinado, por meio da percepção, assimilação, discriminação, introjeção e da clivagem. Conforme afirma Baranger (1981), encontramos dois aspectos que envolvem o processo de discriminação em conjunto ao sistema defensivo, aquela que está vinculada ao caos e a fragmentação, e a que está ligada aos processos de síntese e organização. Lembrando que o desenvolvimento adequado da personalidade e da vida psíquica só é possível mediante a integração e a síntese dos objetos e do próprio ego.

Ao lermos Klein e verificarmos a importância do brincar das crianças, compreendemos que durante o trabalho executado por elas no processo de simbolização, brincar permite a comunicação entre as fantasias e a realidade, bem como o domínio dos medos no que se refere aos perigos internos e externos. Nesse sentido, a função do brincar é organizar a vida psíquica, tanto de meninas quanto de meninos e que, independente da separação cultural dos brinquedos, como por gênero, a temática representada pelas crianças será sempre a mesma - o jogo simbólico apresentará as angústias primitivas que concernentes a vivência persecutória, confusional e depressiva. As dramatizações serão encenadas com base nos personagens da vida real e psíquica -o pai, a mãe, os irmãos e os bebês -, que podem ser representados pelos mais diversos brinquedos encontrados na cultura como bonecas, carrinhos, massinhas, pois cumprem a função de permitir a criação do espaço simbólico e possibilitam que a criança organize sua vida psíquica.

### **Posição depressiva e a elaboração da figura dos pais combinados**

A leitura dos textos kleinianos nos permite afirmar que o caminho para o estabelecimento da posição depressiva é percorrido num emaranhamento desenvolvido junto ao complexo de Édipo. Nesse sentido, para situar a constituição da identidade de gênero, no contexto da posição depressiva, é necessário a compreensão dos processos psíquicos que estão envoltos a situação edípica.

Klein desenvolve suas ideias a respeito do complexo de Édipo nos seguintes textos: *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928/1996h); *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego* (1932/1997b); *Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina* (1932/1997c); *Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual do menino* (1932/1997d); *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945/1996q).

De forma sucinta, podemos afirmar que, na teoria kleiniana, o complexo de Édipo é representado em dois momentos: o primeiro começa no primeiro ano de vida e recebe o nome de Édipo arcaico ou primitivo, é regido pelas pulsões pré-genitais, os ataques realizados são direcionados à figura do casal parental, ou seja, a imago do casal combinado. Esse momento tem como característica ser diverso, confuso e permeado por intensa ansiedade, dando origem a um superego extremamente assustador. O segundo momento, que se estende até os cinco anos de vida, é nomeado como Édipo clássico ou tardio, período em que há a diminuição dos ataques sádicos realizados ao casal parental; nesse momento, ocorre a discriminação e separação das figuras da mãe e do pai, processo que também envolveria, também, a discriminação do gênero.

Além desse entendimento sobre o complexo de Édipo, para Petot (1979/2001), Klein inova ao postular que o Édipo feminino é autônomo e não derivado do masculino. Observa, também, a existência de uma correspondência entre o Édipo feminino e masculino - a de que ambos têm origem nas pulsões genitais pertencentes ao próprio gênero e que impõem ansiedades diferentes, no caso do menino ansiedade de castração, no caso da menina ansiedade em relação a ter o interior do seu corpo destruído, esvaziado.

Sustentamos, ao longo da nossa pesquisa, que durante a vivência do Édipo arcaico há o encontro com gênero, porém, não há a identificação ou a discriminação em relação ao gênero, feminino e masculino, pois nesse período os desejos pré-genitais se sobrepõem aos desejos genitais e a relação que a criança desenvolve com os objetos é confusa, difusa e vaga.

O Complexo de Édipo arcaico é caracterizado pelos autores Segal (1964/1975) e Cintra e Figueiredo (2010) como o período em que a escolha do objeto sexual é incerta, pois mãe e pai são desejados e odiados simultaneamente. É nesse sentido que a fantasia do casal combinado exerce uma função importante, pois esta remete a idealização da mãe como sendo a fonte do continente de tudo o que é desejado pela criança (seio, pênis e bebê), misturada a ideia do casal que se gratifica sexualmente e exclui a criança de forma cruel e violenta.

Durante o desenvolvimento do Édipo arcaico, a transição entre a posição oral e a posição genital é realizada pelas constantes flutuações dos desejos orais, anais, uretrais e genitais. Nesse período, ocorre, para Klein (1928/1996h), uma fase descrita como uma identificação inicial com a mãe, em ambos os gêneros ela recebe o nome de fase de feminilidade, com base na fase sádico-anal, na qual os bebês são igualados às fezes. O que marca esse período é o desejo da criança em apropriar-se dos bebês, o ciúme dos irmãos, o desejo de destruir os bebês que estão no interior da mãe e o desejo pela posse do pênis do pai. Observemos o que Klein (1928/1996h) diz a esse respeito:

Assim, a fase de feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e ao pênis do pai, e essa ansiedade submete o menino e [a menina] à tirania de um superego que devora, mutila e castra, formado a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo (p. 220; entre colchetes nosso acréscimo).

Compreendemos, portanto, que a identificação com o gênero na fase do Édipo arcaico não é possível, porque a criança está diante de um objeto sexual, que é confuso e persecutório, ou

seja, não é possível a identificação com o objeto de amor – sentimento imprescindível para essa separação eu/não-eu e condição para essa identificação.

No artigo intitulado *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935/1996m), Klein descreve a capacidade do ego em identificar-se com os objetos. Conforme a progressão no desenvolvimento do ego, temos a convergência entre as imagos internalizadas e as externas e a possibilidade de identificação com objetos bons e reais. Para Klein, durante a posição depressiva, o bebê começa a relacionar o objeto a uma pessoa e, portanto, começa a sentir angústia depressiva, pois teme que seus ataques tenham causado danos a este objeto de amor, do qual ele depende. Há, também, o receio de que o objeto morra.

Atrelados a esse medo, descrito na posição depressiva no artigo *Amor, culpa e reparação* (1937/1996o), Klein afirma que dependência estabelecida na relação do bebê para com a mãe e o medo de perdê-la favorecem o desapego da relação com a figura materna. São essas situações que se juntam ao crescimento emocional e cognitivo que possibilitam que a criança busque novos objetos de interesse e de prazer. Portanto, o deslocamento do amor garante os laços afetivos entre os humanos e a cultura. Salientamos que, embora todo objeto seja introjetado, o que caracteriza a entrada na posição depressiva é a introjeção do objeto real e integralizado, não mais distorcido pelas fantasias.

Klein (1935/1996m) detalha os processos de introjeção e projeção dos objetos bons e maus (é bom quando o bebê retém o seio para si, e é mau quando o bebê perde o seio que foi alvo da projeção da agressividade). A repetição da introjeção e a incorporação do objeto bom visam testar a realidade, no sentido de provar que o objeto não foi perdido ou destruído.

Petot (1982/2016) afirma que, para que a depressão ocorra, é necessário a identificação com o objeto bom. Contudo, para acontecer a identificação, algumas condições são necessárias - como a percepção e o conhecimento do objeto, a diminuição da ansiedade persecutória e o estabelecimento da capacidade de organização do ego.

Nesse sentido, a identificação pressupõe saber sobre a realidade psíquica, a culpa, bem como a preocupação com objeto. São esses os elementos que promovem a vivência da dor e do seu enfrentamento e permitem o direcionamento do amor ao objeto real. Temos, então, a ideia de que “o ego só pode amar o objeto através de sua imagem. (...) só pode haver representação de si mesmo segundo a imagem do outro” (Petot, 1982/2016, p. 31). Também é por meio da identificação com o objeto que adquirimos a capacidade de realizar reparações.

Corroborando com essa afirmação, Cintra e Ribeiro (2018) evidenciam que a proposição da teoria das posições permite compreender os usos que as pessoas fazem das defesas, das identificações, as relações com os objetos e a forma como as ansiedades atravessam tais situações. Examinar o trajeto realizado pelas posições favorece compreender como enfrentamos nossas angústias, nossos desejos e como nos inserimos no ambiente familiar e possibilitamos nossa construção do nosso lugar no mundo.

No reconhecimento da realidade psíquica e dos objetos promovido pela posição depressiva, temos o reconhecimento dos ataques realizados em fantasia ao casal combinado e, no processo de identificação e reparação do bom objeto, é possível a diminuição da persecutoriedade promovida pelo casal, momento que ocorre a separação do casal e se reconhece mãe e pai de forma distinta. O processo de separação do casal assegura a internalização e a integração do bom objeto no ego. Nesse processo também acontece a separação que, posteriormente, será compreendida como masculino e feminino.

Na posição depressiva, a vivência em relação ao casal combinado também causa ansiedade, em decorrência do medo da perda de ambos os pais simultaneamente. Para dominar a ansiedade

gerada nesse momento, o ego utiliza mecanismos maníacos como elementos de defesa (recusa/negação, idealização, triunfo, reparação obsessiva, onipotência do pensamento). Encontramos caracterizadas essas defesas no texto de (1935/1996m), descritas como posição maníaca, cujo intuito é impedir a união dos pais internamente.

Os elementos defensivos da posição maníaca são importantes porque organizam e estruturam a posição defensiva de forma completa, no que tange a melancolia, o pesar, a culpa e o desejo de reparar o objeto. Conforme afirma Petot (1982/2016), a posição depressiva completa é precedida pelo estágio do Édipo arcaico, o qual está dominado pela fantasia do casal combinado, com correspondência à posição maníaca.

Nesse sentido, quando falamos de posição depressiva completa, estamos argumentando sobre o reconhecimento do valor que o ego faz em relação ao bom objeto, sobre o dano causado ao objeto e da identificação com o objeto de amor. A clareza desses elementos direciona o ego no trabalho de separação, discriminação e guarda dos bons objetos.

De acordo com os autores Kristeva (2000/2002) e Petot (1982/2016), a clivagem entre o objeto mau e bom assume papel importante na manutenção da relação com o bom objeto, pois mantém o controle do direcionamento libidinal sobre o bom objeto real. Nesse sentido, a separação dos pais combinados em dois objetos diferentes permite a travessia por sucessivas clivagens, na medida que diminui a agressividade e a inveja do bom objeto, dado que este se torna mais realista. Assim, “os elementos clivados podem integrar-se na sexualidade genital. Desde então o ego (ou o *self*) é capaz de escolher um dominante de identificação sexual com o progenitor do mesmo sexo” (Kristeva 2000/2002, p. 150). Aqui, Kristeva transita pela trilha tradicional do modelo heteronormativo.

Todavia, seria esse ponto central da separação do casal combinado e do efeito identificatório? Mendonza (1997) – para criticar todas as teorizações psicanalíticas que suspeitaram da homossexualidade como um não alcance necessário de uma suposta genitalidade sinônimo de maturidade – focaliza a forma como sujeito sustenta o objeto em sua travessia pela posição depressiva como o ponto nodal da constituição patológica. Em concordância com Mendonza (1997), o ponto central estaria nos desdobramentos da relação objetual que se estabelece a partir dessa integração egóica derivada do suportar a separação da mãe, que passa a ser vista como um objeto total. A identificação com o objeto do mesmo sexo ou não, entendemos como elemento secundário e não ligado ao conflito patológico, mas a diversidade da própria subjetividade.

Para Klein, a estabilidade psíquica não se desenvolve de forma rígida e imutável, ela precisa ser continuamente conquistada. A esse respeito, os autores Cintra e Ribeiro (2018) e Segal (1991/1993) destacam a posição de Klein, na qual enfatiza sobre a permeabilidade psíquica - haverá sempre uma infiltração do erotismo infantil, caracterizado pelas pulsões parciais na vida psíquica do adulto. Portanto, o desenvolvimento, de modo geral, depende da capacidade do ego em lidar com a agressividade e ansiedades despertadas em estágios anteriores que direcionam os mais diversos caminhos da constituição mental. A passagem pela posição depressiva é a travessia que permite a execução do trabalho de integrar e conter os aspectos mais primitivos do desenvolvimento psíquico, bem como o desenvolvimento da nossa capacidade simbólica.

Nossas leituras apontaram para uma relação estreita entre o complexo de Édipo, a posição depressiva e a fantasia do casal combinado que pode ser bem observada, por exemplo, no artigo *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945/1996q). Um elemento importante desse texto é a descrição do complexo de Édipo como sendo atravessado pela sobreposição dos estágios libidinais e não delimitado, conforme aparece em (1932/1997b). Temos, portanto, um

Édipo **descrito de forma fluída e que permuta entre os objetos**. Outra baliza para o Édipo é a prioridade nos dois gêneros de uma fase feminina, em detrimento de uma posição heterossexual.

Kristeva (2000/2002), apesar da citação anterior dar destaque a uma identificação heteronormativa, também aponta que a posição heterossexual e homossexual estão interpenetradas, confundidas nos meninos e nas meninas “[...] o desejo oral está ligado à incorporação e à identificação, e que o desejo de ser alimentado pelo pênis se acompanha de um desejo de possuir um pênis que lhe seja próprio” (p. 141). Deste modo, no menino o direcionamento em relação ao pênis é homossexual, mas atrelado a incorporação do pênis paterno, temos a identificação com a figura do pai reforçando os aspectos da sua heterossexualidade. Já na menina, a posição heterossexual é moldada pela incorporação do pênis na vagina e a posição homossexual está ligada ao desejo de incorporar o pênis no sentido de possuir. Para Kristeva (2000/2002), é partir dessa confluência simultânea do seio/pênis, da mulher e do homem que se estabelece e se organiza o espaço psíquico. Portanto, a confusão na identificação com os gêneros decorre dessa simultaneidade do seio/pênis/bebê.

De acordo com Ribeiro (2018), ao propor a chamada fase de feminilidade, Klein (1945/1996q) deixa aberto a relação desenvolvida no complexo de Édipo, não há prevalência da posição edipiana (direta ou invertida). Nas palavras de Petot (1982/2016, p. 56) “. . . nos dois sexos, o complexo direto e o complexo invertido começam simultaneamente e interagem, de imediato, um com o outro”.

Em relação a fantasia do casal combinado e o complexo de Édipo, temos que no começo do Édipo arcaico, não há a diferenciação entre os gêneros por parte da criança, a relação com ambos os pais simultaneamente objetiva a gratificação (oral, anal, uretral e genital). A dissociação do casal combinado e o reconhecimento das duas figuras de forma separada permite a oscilação entre a posição feminina e masculina, e marca o surgimento de Édipo sexualmente diferente.

De acordo com Petot (1982/2016), a posição maníaca age na elaboração da ansiedade depressiva e na elaboração do complexo de Édipo, a partir da fantasia inicial dos pais combinados. Durante a posição maníaca, a rivalidade em relação aos pais é gradualmente substituída por uma rivalidade edipiana, a criança aproxima-se de um dos pais, formando um casal que exclui o outro. Nessa fase, os pais combinados estão unidos sexualmente, mas não estão confundidos em relação à sua identidade.

Nossa pesquisa, ao seguir o fio condutor da constituição da identidade de gênero e o seu entrelaçamento com a fantasia do casal combinado, permitiu visualizar que, no início do seu desenvolvimento, a criança encontra-se diante de uma figura monstruosa e enigmática que precisa ser desvendada. O enigma da figura dos pais combinados é solucionado a medida que o desenvolvimento das relações emocionais entre a criança e casal possibilite que ela reconheça, discrimine e separa a mãe e o pai. Esse momento, de diferenciação das imagos parentais, a criança encontra-se diante do feminino e do masculino e, então, poderá constituir sua identidade de gênero.

## **Considerações finais**

Ao longo da obra kleiniana é possível acompanhar a autora teorizando sobre a importância da elaboração do bebê sobre a fantasia da figura dos pais combinados e do reconhecimento da

diferenciação do feminino e do masculino como parte da individualidade das pessoas que compõe esse casal. Na contemporaneidade, isso se chocaria diretamente com as novas composições familiares, sejam elas homoafetivas ou formadas por mães ou pais solos - fato que desmantela toda uma estrutura teórica que havia funcionado por décadas anteriores. No entanto, apesar dessa especificidade heteronormativa que Klein não tinha condições superar – afinal, ela era mulher nascida no século XIX, não médica, trabalhando com uma abordagem que até hoje provoca discussões sobre a sua cientificidade<sup>5</sup> –, a teoria proposta pela autora não se sustenta apenas por esse aspecto de gênero atualmente criticado. Buscamos defender a ideia de outro ponto fundamental, o qual atravessa toda a teoria kleiniana e se assenta na necessidade da constituição psíquica - a de se estabelecer pela capacidade do sujeito de poder fazer uma separação identificatória entre eu/não-eu, de forma que o outro possa ser reconhecido e amado de forma integral. Isso significa que reconhecer e amar o outro envolveria a capacidade de suportar toda a carga e complexidade afetiva que uma relação mais integralizada inevitavelmente traz: suas ambivalências afetivas, suas decepções, mas também a possibilidade de poder acreditar, no sentido de ter esperança, nas próprias capacidades de gratificação e de prazer que as próprias potências emocionais conseguem atingir (Minerbo, 2023).

Esse processo identificatório, apesar de Klein ter destacado o processo de separação nos gêneros femininos e masculinos, traz em sua base justamente o contrário dessa marca mais binária do Édipo clássico: na raiz das emoções primitivas, o sujeito se defronta com uma figura que, apesar de ser descrita como assustadora, abre espaço para outras dinâmicas identificatórias por não estar balizado ainda pela binariedade edípica do momento posterior. Pudemos acompanhar como, apesar das confusões emocionais produzidas, as figuras femininas e masculinas podem se interrelacionar, se interpenetrarem, estarem contidas e serem continentes em processos que não se cessam apenas na superação da posição depressiva. A proposta de posição por Klein abre espaço para um eterno jogo emocional que, em diferentes momentos da vida, nos colocam ora para momentos mais regredidos e cindidos como a posição esquizoparanóide, ora para momentos mais integrativos e a um retorno à necessidade de integração egóica que a posição depressiva exige.

Como isso se articula com as discussões contemporâneas sobre os gêneros? Tentamos defender a ideia, por meio do acompanhamento do desenvolvimento do conceito da figura dos pais combinados, que existe uma trilha já aberta por Klein para uma maior plasticidade identificatória. Feminino e masculino derivam de um caleidoscópio identificatório muito mais diverso e de infinitas composições. Mesmo as figuras paternas sendo heterossexuais, como as que foram apresentadas por Klein em todas as suas vinhetas clínicas ao longo de sua obra, - e essas famílias virem de uma estruturação binária nos gêneros masculinos e femininos - estas, ainda assim, ofereceram uma paleta de fantasias identificatórias que podem se compor ao infinito.

Ainda precisamos superar e acreditar que toda via de subjetivação que foge a um eixo mais fálico – apresentados culturalmente na estruturação das crianças, geralmente no Édipo mais tardio – tem potenciais muito ricos no que se refere a uma diversidade de identificações de gêneros e composições de orientações sexuais. A Psicanálise, desde sua origem, procurou superar a perspectiva patologizante da diversidade da nossa sexualidade. Contudo, a Psicanálise em si, de forma institucional, também promoveu essa patologização de maneira excludente -

---

<sup>5</sup> Para uma discussão crítica mais aprofundada sobre essa temática recomendamos a leitura de Dunker e Iannini (2023) e De Carvalho e Ferretti (2024).

por exemplo, quando não aceitou candidatos homossexuais ou transgêneros (Ayouch, 2015). Acreditamos que retomar essas trilhas já abertas por uma psicanalista de tanto renome, ainda hoje apresentada como a grande figura de uma das principais escolas psicanalíticas, pode nos favorecer a reencontrar caminhos perdidos nos desvios institucionais que a Psicanálise acabou tomando.

## Referências

- Ayouch, T. (2015). *Psicanálise & homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*. CRV.
- Baranger, W. (1981). *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barbosa, R. A. (2023) *A fantasia do casal combinado e as implicações na constituição da identidade de gênero, segundo Melanie Klein*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira. (Publicado originalmente em 1990).
- Cintra, E. M. U., & Figueiredo, L. C. (2010). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Cintra, E. M. U., & Ribeiro, M. F. R. (2018). *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni.
- Cintra, E. M. U. (2018). Arco-íris tatuados nas mãos - a geografia do corpo materno. *Ide*, 40(65), 23-38.
- Cintra, E. M. U. (2020). Transmissão da vida psíquica: criar espaço psíquico e sentir gratidão. *Ide*, 42(69), 241-253.
- De Carvalho, V. O., & Ferretti, M. G. (Orgs.). (2024). *A cientificidade da psicanálise: novos velhos horizontes*. Blucher.
- Dunker, C., & Iannini, G. (2023). *Ciência pouca é bobagem: por que a Psicanálise não é pseudociência?* Ubu Editora.
- Freud, S. (1992). *La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)*. En J. Strachey (Ed. & Trad.). *Obras completas* (Vol. 19, pp. 141). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos Sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas - Jayme Salomão, trad. vol.IV*. Editora Imago. (Publicado Originalmente em 1900)
- Freud, S. (1996b). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do amor II). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas - Jayme Salomão, trad. vol.XI*. Editora Imago. (Publicado Originalmente em 1912)
- Freud, S. (1996c). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas - Jayme Salomão, trad. vol. XIX*. Editora Imago. (Originalmente publicado em 1924)
- Freud, S. (2010). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (P. D. Corrêa, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto alegre: Artes Médicas.

- Isaacs, S. (1982). A natureza e a função da fantasia. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Obra original publicada em 1952).
- Klein, M. (1996a). O desenvolvimento de uma criança. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1921).
- Klein, M. (1996b). O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1923).
- Klein, M. (1996c). A análise de crianças pequenas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1923).
- Klein, M. (1996d). Uma contribuição à psicogênese dos tiques. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1925).
- Klein, M. (1996e). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1926).
- Klein, M. (1996f). Simpósio sobre análise de crianças. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1927).
- Klein, M. (1996g). Tendências criminosas em crianças normais. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1927).
- Klein, M. (1996h). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1928).
- Klein, M. (1996i). Personificação no brincar das crianças. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1929).
- Klein, M. (1996j). Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1929).
- Klein, M. (1996k). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1930).
- Klein, M. (1996l). Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1931).
- Klein, M. (1996m). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1935).
- Klein, M. (1996n). O desmame. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1936).

- Klein, M. (1996o). Amor, culpa e reparação. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1937).
- Klein, M. (1996p). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1940).
- Klein, M. (1996q). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Capítulo original publicado em 1945).
- Klein, M. (1997a). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1997b). Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego. In: M. Klein. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1997c). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: M. Klein. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1932).
- Klipan, M. L. (2022). *Klein: e a feminilidade*. Perfil.
- Kristeva, J. (2002). *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras: Hannah Arendt, Melanie Klein, Colette*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 2000).
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o Sexual. In: Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (1988). *Castração: Simbolizações: Problemáticas II*. Martins Fontes.
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P.C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), 409-425.
- Mendoza, S. (1997). Genitality and genital homosexuality: Criteria of selection of homosexual candidates. *British Journal of Psychotherapy*, 13(3), 384-394. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.1997.tb00324.x>
- Minerbo, M. (2023). *Notas sobre a aptidão para a felicidade*. Editora XYZ.
- Money, J., Hampson, J. G., & Hampson, J. L. (1955). An examination of some basic sexual concepts: The evidence of human hermaphroditism. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 97(4), 301-319. PMID: 13260820.
- Naffah Neto, A. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 279-288.
- Naffah Neto, A. & Cintra, E. M. U. (2012). A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30 (1), 33-50.
- Petot, J. M. (2001). *Melanie Klein I – primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1979).
- Petot, J. M. (2016). *Melanie Klein II – O ego e o bom objeto 1932-1960*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1982).
- Porchat, P. (2014). *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Juruá.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.

- Ribeiro, P. C. (2017). Gênero, sexo e enigma no sexual de Jean Laplanche. In: Ribeiro, P. C et al. *Por que Laplanche?* São Paulo: Zagodoni.
- Ribeiro, M. F. R. (2018). A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade. In: Cintra, E. M. U. & Ribeiro, M. F. R. (2018). *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1973).
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1991).
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentações do gênero* (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.

**Revisão gramatical:** Laura Pinhata Battistam

**E-mail:** [lpbattistam@usp.br](mailto:lpbattistam@usp.br)

Recebido em fevereiro de 2025 – Aceito em maio de 2025.